

Classe média paga caro para educar filho

Luiza Damé

A crise econômica — ao contrário do que se imagina — não está impedindo que os pais de classe média continuem oferecendo aos seus filhos os tradicionais cursos de balé, música (piano ou violão) ou línguas (especialmente o Inglês). Muitos estão dispostos inclusive a cortar os chamados gastos supérfluos para poderem ver as crianças se desenvolvendo integralmente”, como destacou a secretária executiva Cláudia Melo Costa, que mantém a filha de cinco anos no balé. Nas academias de dança ou música e nas escolas de línguas, as vagas são escassas e os diretores já optaram pelas listas de reserva, para atender ao grande número de interessados.

Preocupado com o sucesso profissional de seus três filhos, um funcionário público, que preferiu não se identificar, disse que costuma “apertar o orçamento” para conseguir sustentar os meninos no curso de Inglês da Casa Thomas Jefferson. “Atualmente quem quiser atualizar o seu conhecimento precisa dominar pelo menos uma língua estrangeira”, afirmou o servidor, ao lembrar que o estudo de Inglês não é luxo, mas uma necessidade. “Ou se aprende um idioma estrangeiro ou se fica fora do mer-

cado”, opinou. Também com a preocupação de dar uma melhor formação ao filho, a servidora da Fundação Hospitalar Ildenei Soares da Silva Miranda já planejou matriculá-lo em um curso de Inglês no próximo ano, quando ele completa oito anos e já estará alfabetizado.

Investimento

Ao reconhecer que a crise econômica não diminui a procura pelos cursos de Inglês da escola, a coordenadora cultural da Thomas Jefferson, Ana Maria Assumpção, garantiu que, ao contrário: todos os semestres muitos alunos ficam fora da escola devido ao preenchimento de todas as vagas. “A educação ainda é o melhor investimento e os pais preferem refazer os planos na área do lazer a retirarem os filhos de um curso de línguas”, argumentou.

É exatamente pensando em oferecer uma educação completa à filha de 12 anos que a professora Mariliz Costa se conforma em levá-la duas vezes por semana ao Instituto de Música do DF, onde a menina faz piano, apesar desse compromisso atrapalhar um pouco a sua vida. “Ela pediu e não teve como lhe negar essa oportunidade”, justificou a professora. No entanto, esse não foi o motivo que levou a

também professora Maria Auxiliadora Cordeiro a matricular a filha no curso de piano. “Eu e meu marido notamos que desde criança ela tinha tendência para a música e resolvemos estimular esse dom”, contou Maria Auxiliadora.

Talento

O talento dos filhos para a dança percebido pelos pais é um dos fatores que levam muitas crianças às academias de balé segundo a professora Ofélia Corvello. Além, do talento, Ofélia Corvello diz que o aprimoramento cultural — já que na dança clássica há um convívio constante com a música erudita e com o francês — e recomendações médicas também contribuem para aumentar o número de crianças e adolescentes interessados na dança.

Foi por recomendação médica que a secretária executiva Cláudia Melo Costa colocou a filha Fernanda, de cinco anos, numa academia de dança. “Ela é hiperativa e precisa de ocupação”, explicou a secretária, que embora esteja desempregada, prefere cortar outros gastos a ter que tirar a filha da atividade. “Desde que ela entrou para o balé notei progressos no seu desenvolvimento, especialmente na coordenação motora e na postura”, informou.